

UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL

Profa. Dra. Eliana Gabriel Aires
Faculdade de Educação/UFG
Cultura e processos educacionais

Esta comunicação tem o objetivo de compartilhar uma experiência positiva em relação ao processo de desenvolvimento de leitura/escrita, realizada na Escola Municipal Mônica de Castro, situada em um bairro periférico de Goiânia, Goiás. A direção da escola nos propôs trabalhar com uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental, cujos alunos ainda quase não sabiam ler nem escrever. Desenvolvemos atividades de leitura, reflexão e escrita através de narrativas e poesias da Literatura Infantil. Nossa metodologia consistiu em deixá-los ler, comentar e escrever em todos os encontros, sem esquecer nossas referências teóricas (Bakhtin, Bachelard), autores que acreditam na Literatura como articuladora de pensamento, emoção e autonomia da criança. Os resultados obtidos foram extremamente encorajadores. As crianças tiveram uma melhora importante, se considerarmos o estágio em que se encontravam, fato que justifica este trabalho e nos motiva a continuar.

Palavras-chave: Leitura e escrita; Literatura Infantil; Escola Pública

Temos presenciado nas últimas décadas e especialmente neste início do século XXI uma preocupação acentuada de nossos governantes e dirigentes de escolas com a constituição de um Leitor diferenciado. Parece haver um consenso quanto ao significado e importância da leitura e da escrita na formação de um indivíduo. Entretanto, cada vez mais as pesquisas apontam o desempenho negativo de nossos alunos na leitura e na escrita. Ficamos realmente perplexos quando vemos crianças de 9, 10 anos sem dominarem os padrões mais elementares de leitura e escrita. O que está acontecendo? É possível uma criança concluir o II ciclo sem (de) codificar os signos linguísticos? Paradoxalmente nunca se falou tanto em leitura. A partir dos anos 70 (século XX) deu-se um aumento significativo no interesse por questões relativas ao incentivo à leitura e à literatura. Vários programas surgiram para esse fim, intensificando-se a produção de livros infanto-juvenis, bem como o surgimento de novos escritores que hoje são nomes de destaque neste setor. Os escritores souberam inovar a concepção do livro destinado à criança e ao jovem, rompendo com ideologias e formas estéticas enquadradas em códigos instituídos. Nos encontros e congressos realizados em todo Brasil abundam os trabalhos sobre a relação literatura/escola, leitura/escrita, mas não se apresentam resultados efetivos que venham consolidar um processo de desenvolvimento linguístico. Entretanto, a literatura está muito presente na vida da criança. Acreditamos ser de fundamental importância trazer a literatura para a escola desde as séries iniciais. A poesia está presente nas fantasias, nas brincadeiras, nos jogos, na natureza, em todas as coisas, dependendo da maneira como vemos, de como posicionamos nosso olhar. O folclore, com cantigas de ninar, cirandas, parlendas, trovas, trava línguas é a fonte da poesia infantil. Esta poesia folclórica que a criança traz para a escola destaca o lúdico e a sonoridade que tanto lhe agrada. A escola não pode permitir que haja um corte neste pendente poético. É preciso que nossas escolas resgatem a poesia folclórica e possibilitem

às nossas crianças a poesia literária, para despertar-lhes o gosto artístico, a sensibilidade para a leitura das imagens poéticas em sua relação com a sonoridade com a ambigüidade da linguagem, com as múltiplas significações do texto poético. O papel estético da poesia é muitas vezes negligenciado. Sabemos que a poesia é pouco presente nas escolas, quase só aparece nas festividades comemorativas, perdendo-se assim o convívio prazeroso com a literatura. A polissemia e a polifonia da palavra poética abrem campos para os múltiplos sentidos presentes na realidade social.

Em um mundo tão violento como o que vivemos em que as crianças são diariamente agredidas e violentadas, torna-se urgente resgatar a poesia, pois como afirma Mello:

A poesia desperta o lado poético do homem, o olhar que se concilia com a natureza na gratuidade de estar no mundo em harmonia com os demais entes que fazem parte da totalidade. Acorda, no homem a ternura sufocada, a benevolência esquecida. Faz emergir vivamente, em seu íntimo, a lembrança apagada, o sofrimento contido, a urgência do amor, todos esses sentimentos que fazem do homem um ser diferente dos outros seres, restituindo-lhe a sensibilidade sufocada pelas lutas do cotidiano (2001, p.173).

É preciso reintegrar a poesia no cotidiano da sala de aula. A literatura de qualidade é um instrumento poderoso, a experiência humana que ela veicula atua na formação moral, ética e estética do leitor que pode sair transformado desta interação. Para isso é preciso que se modifiquem as práticas em relação à atuação do professor com a literatura. Quando o professor tem a finalidade de ensinar através da poesia, esta se esvazia do simbólico, um dos seus principais valores. O professor precisa ser intelectualmente capaz e sensível para lidar com um conhecimento em construção, que entenda a educação como um compromisso político, ético e moral. É importante se ter uma concepção de linguagem que fundamente o trabalho de leitura e escrita como um processo de interação verbal e social entre os locutores, para se constituir a inserção do sujeito na cultura.

Cecília Meireles (1979) resgata o valor da oralidade, das tradições, do folclore, da poesia. Afirma que ouvir histórias é fundamental no processo de desenvolvimento das crianças, ressalta que antes de a criança escrever a primeira palavra ela tem que ouvir muitas histórias. E ainda:

(...) não se pode pensar numa infância e começar logo com a gramática e com retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje. Mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias... - tudo isso ocupa no passado o lugar que hoje concedemos ao livro infantil (1979, p. 46).

Os contos de fadas que as crianças elegeram como sua literatura contribuem para o desenvolvimento da imaginação criadora da criança. Calvino atribui a estas narrativas a *rapidez*, uma das suas *Seis propostas para o próximo milênio*, quando se detém nos contos populares e histórias de fadas “por interesse estilístico e estrutural, pelo ritmo, pela lógica essencial com que tais contos são narrados” (1990, p. 49). A rapidez a que Calvino alude refere-se à agilidade de expressão e pensamento, e possibilidades de vãos imaginários, características que o autor atribui aos contos de fada. Estas histórias que se perpetuaram ao longo de milênios e que ainda hoje mantém sua magia, propiciam possibilidades de conhecimento interior. Quando a criança chega na escola com seis

anos aproximadamente, ela não pode ser submetida a uma leitura mecânica, mas é tarefa do professor estimulá-la à verbalização, à compreensão do texto. A leitura do livro de ficção quando é autônoma possibilita uma crítica da vida exterior. A literatura infantil cumpre seu papel de formação, que segundo Zilberman “vai mais além-propicia os elementos para a emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do saber” (1994, p. 25).

Contudo, não temos percebido esse vibrar em nossas escolas, essa valorização da literatura por parte das professoras e da administração. Nos meios acadêmicos da área de Educação, a literatura infantil é vista ainda como atividade menor, pouco valorizada, pouco substantiva, desprestigiada como forma científica. Não merece sequer uma disciplina no currículo regular do curso de Pedagogia de muitas Faculdades, há bem pouco tempo ela tem sido trabalhada como disciplina do Núcleo Livre. É, pois, com o objetivo de contribuir para que a linguagem literária seja colocada no seu devido lugar, que surgiu a pesquisa: *A literatura-Arte na Educação Pública*.

Tendo em vista a grande dificuldade de nosso aluno com a leitura e a escrita, acreditamos ser o texto literário um elemento de fundamental importância para constituir um leitor crítico e reflexivo. Só a verdadeira literatura, aquela que acredita no potencial de seu leitor, que não subestima sua inteligência e criatividade, pode contribuir para que o aluno seja capaz de interpretar adequadamente textos de distintas naturezas e ser capaz de redigir satisfatoriamente.

Considerando haver um descompasso entre o discurso acadêmico e a realidade escolar nossa pesquisa voltou-se aos professores para propiciar-lhes condições mínimas no trato da leitura/escrita, através da Literatura-arte. Foram destacadas questões em relação ao livro didático, às aulas padronizadas, ao professor, “leitor limitado”, que na concepção de Brito, “(...) na sua maioria é de fato um não-leitor, seja porque não tem o ‘hábito gratuito da leitura’, seja porque não tem condições sociais de ser leitor, seja ainda porque não ‘gosta de ler’ (2003, p. 150)”. Esse professor se torna incapaz de produzir intelectualmente e, portanto, não consegue realizar com êxito o seu trabalho educativo.

O Projeto “Literatura-arte na Educação Pública” originou-se da investigação de um Grupo de Estudos de Literatura Infantil. Iniciada em 2004 com o Projeto de Extensão “Estudos de Linguagem: Literatura- Leitura e escrita”. Este Grupo se reuniu semanalmente durante o ano de 2004 para estudar, refletir e discutir a necessidade de os professores estarem mais preparados e comprometidos com o valor da literatura na vida das pessoas. O projeto gerou três mini-cursos apresentados na Semana da Faculdade de Educação, em 2004.

Em 2005 o “Grupo de Estudos” continuou se reunindo com as mudanças no quadro de participantes. Um dos objetivos propostos foi a aquisição de orientações básicas para o trabalho com a Literatura na sala de aula, já que não possuíamos em nosso currículo uma disciplina que contemplasse esta área. Há bem pouco tempo a disciplina de literatura infantil foi incluída no Núcleo Livre da Faculdade de Educação/UFG (FE/UFG). Outro objetivo importante foi familiarizar o grupo com bons textos literários infanto-juvenis e estabelecer uma interação com os professores das redes, para oferecer subsídios ao seu trabalho pedagógico e realçar o valor da literatura na sala de aula objetivando romper as usuais barreiras que separam a Universidade das Escolas Públicas.

Em 2005 o Grupo de Estudos ofereceu o mini-curso “Monteiro Lobato: Ler, ouvir, Sonhar e se deliciar”, no 14º Simpósio de Estudos e Pesquisas Educacionais da FE/UFG. Realizou também encontros com os professores das Redes, nos quais foram discutidas questões fundamentais da literatura Infanto-Juvenil. Efetivou-se ainda um Seminário de Literatura Infantil na FE/UFG, com a presença da escritora Marina

Colasanti. É preciso registrar que, desses encontros originou-se uma apostila que se constituiu num relato completo das atividades realizadas.

Em 2006 este “Grupo de Estudos” se constituiu no Projeto de pesquisa “A Literatura-arte na Educação Pública”, já que ampliamos nosso campo de ação e nos propusemos ir às Escolas trabalhar diretamente com alunos e professores.

Nossa pesquisa pretendeu desenvolver o gosto pela leitura desde os anos iniciais da criança, propiciando subsídios aos participantes do grupo de estudos de literatura infantil e aos professores das redes, em relação à leitura e à escrita, tendo como eixo a literatura infantil, num esforço para superar a fragmentação dos textos literários e a sua aplicação quase exclusivamente gramatical. Pretendeu ainda promover um ambiente colaborativo através do estudo sistemático da literatura infantil: leitura, análise e reflexão de textos teóricos e análise das narrativas infantis de escritores conceituados.

Esta pesquisa inseriu-se numa abordagem qualitativa colaborativa, atuou com o professor da escola pública, considerando-o como um profissional crítico e reflexivo. Investigou sua prática em sala de aula, mas também procurou ouvi-lo e trabalhar em parceria com ele, para verificar como está refletindo e produzindo os conhecimentos necessários à inovação nos contextos escolares.

Esta pesquisa teve como apoio o Grupo de Estudos de Literatura Infantil, que se constituiu como *lócus* de aprofundamento teórico e prático dos temas que fundamentaram a pesquisa.

Após visitas e contatos com várias escolas foi escolhida a Escola Municipal Mônica de Castro (E. M. M. C) para um trabalho inicial, pela sua localização e por possuir uma infra-estrutura adequada à realização da pesquisa. Várias entrevistas e contatos foram feitas com a direção e coordenação da referida escola, seus dirigentes demonstraram compreender as necessidades de ações como as propostas pela pesquisa, para a melhoria da qualidade de ensino e integração da escola com a Universidade.

No segundo semestre de 2006, os pesquisadores se deslocaram para a escola pesquisada duas vezes por semana para trabalhar com os professores na sala de aula. A princípio elegemos uma sala de 1º ano do ensino fundamental e desenvolvemos um projeto envolvendo contações de histórias, recontos, dramatização, roda de poesias, entre outras atividades. Gradativamente outras séries foram envolvidas no projeto.

Na Escola Municipal Mônica de Castro foram desenvolvidas atividades semanais de leitura, escrita e interpretação de textos, nas séries do primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental, tendo como suporte a literatura infantil: narrativas e poesias. Foi realizado outro Seminário na FE/ UFG com a presença do brilhante escritor e ilustrador Roger Mello.

Em 2007 a direção da escola nos propôs trabalhar com a turma F2 (5ª série do ensino fundamental), cujos alunos ainda quase não sabiam ler e escrever. Aceitamos o desafio e acompanhamos essa turma durante todo o segundo semestre de 2007. Desenvolvemos atividades de leitura, reflexão e escrita através de narrativas e poesias da literatura infantil. Elegemos Monteiro Lobato o primeiro autor para ser lido pelos alunos. A princípio levamos os livros desse renomado escritor para que lessem. Antes falamos sobre o autor e seu valor para a literatura infantil brasileira e como ele criou livros e personagens instigantes para eles. Disponibilizamos livros de Lobato, entretanto não conseguiram lê-los. Alguns por não terem costume de ler um texto mais longo, outros por não dominarem minimamente a capacidade de ler.

Ficamos extremamente preocupados, pois defendemos a idéia que o aluno (leitor) precisa interagir com o autor. Resolvemos mudar nossa metodologia de trabalho. Passamos a contar as histórias de Lobato intercaladas com a leitura de algumas passagens do livro do autor, pois queríamos que os alunos entrassem em contato com a

linguagem de Lobato, ouvissem a voz desse autor genial. Foram feitas algumas dramatizações entre elas *O casamento de Emília*.

A escrita era exercitada através de textos coletivos, escrita de outras histórias ou exercícios de alterações das histórias, entre outras atividades, mas o desempenho dos alunos continuava fraco. Decidimos então dividir a sala em dois grupos, um ficou na própria sala de aula e o outro foi para a Sala de Leitura. Verificamos que a disposição para ler e escrever melhorou em ambos os grupos, só que de forma acentuada nos alunos que se deslocaram para a Sala de Leitura, que não se constitui um lugar especialmente favorável, entretanto, a disposição dos lugares era diferente, e aquele ambiente cheio de livros era acolhedor.

Decidimos trabalhar com poemas intercalados às narrativas de Lobato. Apresentávamos uma poesia que era lida várias vezes, individual e coletivamente. Cada aluno recebia o poema impresso numa folha colorida, depois pedíamos que eles dissessem o que sentiram e entenderam do poema. Nunca solicitamos exercícios de qualquer tipo para fixação, nem questionários, nem aproveitamento do texto para qualquer outra disciplina. Exploramos no poema o ritmo, a cadência melódica, a sonoridade entre outros elementos da linguagem poética. Houve uma quebra naquela atividade inicial, pois através do poema pudemos apresentar um texto completo, como sentido e significado múltiplo e aberto a inúmeras possibilidades.

Depois de ler e trabalhar muitas poesias pedimos que eles produzissem um poema. Eles escreveram alguns bons, o que evidenciou serem capazes não só de ler e escrever, mas também serem autores de seus textos.

Nossa metodologia consistiu em deixá-los ler, comentar e escrever, em todos os encontros tentando articular a emoção e a autonomia dessas crianças. Possibilitar a criação e o desenvolvimento à criança de classe econômico-social baixa, tornando-a sensível e estimulada para pensar a si e ao mundo, propiciou-nos uma enorme gratificação. Nesse processo experimental a poesia se constituiu numa base sólida para o enfrentamento das dificuldades resultantes do desestímulo e desinteresse total dos alunos. Ler, trocar idéias, construir novas abordagens são ações que devem estar presentes no trabalho da leitura e da escrita com crianças.

Em 2008 estabelecemos com a coordenação da E. M. M. C. um cronograma de trabalho que permitisse a todos os alunos (oito turmas) irem uma vez por semana à Sala de Leitura com a presença da professora em exercício e de dois pesquisadores.

Foram feitas diversas atividades objetivando a constituição de um leitor literário. Os livros da Sala de Leitura foram selecionados e agrupados por dificuldades (leitor inicial, em processo, fluente) e colocados em lugar de fácil acesso. As crianças tinham a liberdade de escolher o livro que queriam ler. Em todos os encontros, de uma hora semanalmente, foi reservado um tempo (de 20 a 30 minutos) para que as crianças lessem o livro escolhido e tivessem contato com ele: sua textura, capa, nome do autor e nome do ilustrador e a leitura propriamente dita.

Num segundo momento eram feitas atividades de expressão oral e escrita alternadas. Pedíamos que as crianças contassem o que leram, o que entenderam e como alterariam ou não a história. No outro encontro elas escreviam o texto de forma espontânea, segundo seu grau de desenvolvimento. Procuramos sempre alternar as crianças a quem solicitávamos para se expressar oralmente, com intuito de contemplar a todos. Os textos escritos foram corrigidos e comentados com eles sem nenhum intuito avaliativo, para não cercear sua espontaneidade.

Concluimos as atividades do ano propiciando um encontro com a escritora de literatura infantil em Goiás: Diane Valdez, que conversou com as crianças e lhes contou várias histórias.

Em 2008 foi realizada uma Mesa Redonda na FE/UFG com alguns escritores que produzem literatura infantil em Goiás, entre eles: Augusta Faro, Newton Murce, Miguel Jorge, Christie Queirós, Diane Valdez, Cleidna Landivar, Valéria Belém.

Em 2009 aconteceu um fato significativo e que nos deixou extremamente realizados. Ficamos envolvidos com a preparação de um livro sobre alguns autores da literatura infantil produzida em Goiás, que o Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Infantil se propôs publicar, com a colaboração da diretoria do CEGRAF/ UFG, que apoiou essa publicação.

Como tínhamos um tempo determinado para entregar todos os textos e como a seleção para monitor e estagiário, que iriam à E. M. M. C, demorou um pouco, avisamos a coordenadora pedagógica da referida escola que retardaríamos o reinício das atividades em 2009. Qual não foi a nossa surpresa, quando depois de dois meses do retorno das aulas, vimos o nosso projeto funcionando por si só. A Escola foi contemplada com uma nova professora para a Sala de Leitura, que se mostrou competente e interessada para, juntamente com a coordenadora pedagógica, dar andamento ao projeto que desenvolvemos. Assim todas as salas continuaram tendo um horário semanal na Sala de Leitura. A professora responsável (da Sala de Leitura), em parceria com os professores das salas de aulas, programava as atividades para as crianças, que estavam motivadas e já acostumadas a emprestarem livros para lerem em casa.

Resolvemos fazer um encerramento com contações de histórias e brincadeiras para animá-los a continuar. As crianças tiveram uma melhora importante se considerarmos o estágio que estavam no início de nossas atividades, fato que justifica esta comunicação e nos motiva a continuar a pesquisa. Os resultados obtidos foram extremamente encorajadores. Nossa pesquisa agora se deslocará para outra escola da rede pública, já vitalizada com este fato positivo: professores e coordenadores perceberam o crescimento dos alunos. A Literatura-arte operou o milagre de reanimá-los para a leitura, e nos colocamos à disposição da E. M. M.C para eventuais necessidades.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. O leitor interdito. In: *Contra o consenso*. Cultura escrita, educação e participação. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summer, 1979.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. A importância da poesia na formação do leitor. In: *Literatura infanto-juvenil: prosa e poesia*. Goiânia: Editora da UFG, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo. Global, 1994.

